

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

Suellen Luisy Farias

DO CORAÇÃO À COLEÇÃO:

O CASO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR), DO
MARQUE/UFSC.

Florianópolis

2022

Suellen Luisy Farias

DO CORAÇÃO À COLEÇÃO:

O CASO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR), DO
MARQUE/UFSC.

Trabalho de Conclusão de Graduação do Curso em Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Renata Cardozo Padilha.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Farias, Suellen Luisy
DO CORAÇÃO À COLEÇÃO: : O CASO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA
(CULTURA POPULAR), DO MARQUE/UFSC / Suellen Luisy Farias
; orientadora, Renata Cardozo Padilha, 2022.
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Ficha de Catalogação. 3. Gestão de
Acervos. 4. Documentação Museológica. 5. Museu de
Arqueologia e Etnologia da UFSC.. I. Cardozo Padilha,
Renata . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Museologia. III. Título.

Suellen Luisy Farias

DO CORAÇÃO À COLEÇÃO:

O CASO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR), DO
MARQUE/UFSC

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Graduação e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia

Florianópolis, 21 de dezembro de 2022.

Profª Drª Thainá Castro Costa .

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Drª Renata Cardozo Padilha

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Me. Lucas Figueiredo Lopes

Museólogo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo
Rodrigues Cabral (MARQUE/UFSC)

Dr.ª Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos

Conservadora-restauradora no Museu Victor Meirelles (IBRAM)

Florianópolis, 2022.

Dedico esse trabalho com muito carinho à minha mãe Wancléia e minha filha Sophia, gratidão pelo amor incondicional que me fortalece na realização de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada à professora Dr^a. Renata Padilha pela empatia e carinho não só nesse trabalho como em outros momentos do curso. Obrigada por me direcionar no caminho certo e sempre acreditar no meu potencial. Meus agradecimentos vão também para os professores Valdemar de Assis, Luciana Silveira e Thainá Castro, pelos desafios e aprendizados que contribuíram para meu crescimento nessa jornada acadêmica.

Agradeço também à Vanilde Ghizoni, minha supervisora, pelo suporte, carinho e pelas conversas. Marcela Lemos e Lucas Lopes, pelos desafios, instruções e apoio. Obrigada pelos ensinamentos e pela experiência enriquecedora de trabalhar com vocês no MARquE, onde tive certeza de que a Museologia é o meu caminho.

Às minhas irmãs, Morgana e Nathália, meu muito obrigada, pelo incentivo e o amor, sempre nos apoiamos e assim sempre crescemos fortes, unidas, irmãs.

Aos meus avós, Wanderley e Osmarina, que sempre acreditaram na minha força e na minha determinação para alcançar meus objetivos, e que em nenhum momento tiveram dúvidas do meu sucesso. Sei que mesmo não estando presente em vida, meu avô está me olhando lá de cima, orgulhoso de mim por mais uma etapa concluída.

Gratidão infinita à minha filha Sophia, por ser a luz da minha vida: em todos os momentos de escuridão você foi meu farol e me mostrou a força que habita no meu coração. Tenho muito orgulho de você, te amo!

E ao meu maior alicerce, minha mãe Wancléia, minha inspiração, que sempre foi meu exemplo de mulher guerreira, forte, independente, autossuficiente e amorosa, me mostrou e ensinou que tenho força e potencial para realizar e alcançar tudo que eu almejar nessa vida. Sem você nada disso seria possível. Te amo eternamente.

A todos que fazem parte da minha vida, de coração, meu muito obrigada.

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é refletir sobre a influência da gestão de acervos na documentação museológica, mais especificamente, no que diz respeito à criação das fichas de catalogação. Para isso, foram utilizados três objetivos específicos: a) Identificar critérios, pelo viés da Documentação Museológica, para contribuir na adequação das fichas de catalogação para a Coleção de Etnologia (Cultura Popular) do MARquE; b) Compreender o papel da gestão de acervos e sua importância fundamental na construção de uma ficha catalográfica, de forma que comporte a singularidade dessa coleção; e c) Analisar as informações extraídas da Coleção de Etnologia (Cultura Popular), por meio do diagnóstico documental realizado pela equipe do MARquE, de modo a proporcionar a coleta de mais informações e auxiliar na elaboração de uma sugestão de ficha para ser inserida no sistema Tainacan. A pesquisa realizada apresentou um novo modelo de ficha de catalogação que busca atender as necessidades informacionais dos objetos museológicos incorporados na coleção de cultura popular pelo viés da disseminação em meio digital.

Palavras-chave: Ficha de Catalogação. Gestão de Acervos. Documentação Museológica. Colecionismo. Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC.

ABSTRACT

The aim of this research is to reflect on the influence of collections management on the museum documentation, more specifically, with regard to the creation of cataloging sheets. For this purpose, three specific objectives were used: a) Identify criteria, through the bias of Museological Documentation, to contribute to the adequacy of the cataloging sheets for the Ethnology Collection (Popular Culture) of MARQUE; b) Understand the role of collections management and its fundamental importance in the construction of a catalog file, in a way that includes the uniqueness of this collection; and c) Analyze the information extracted from the Ethnology Collection (Popular Culture), through the documentary diagnosis carried out by the MARQUE team, in order to provide the collection of more information and help in the elaboration of a suggested form to be inserted in the Tainacan system. The research carried out presented a new cataloging card model that seeks to meet the informational needs of museological objects incorporated in the popular culture collection due to the bias of dissemination in digital media.

Keywords: Cataloging Form. Collection Management. Museum Documentation. Collecting. UFSC Archeology and Ethnology Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Prof. Cabral mostrando aos assistentes as futuras instalações do Instituto de Antropologia, na década de 1970	19
Figura 2 - Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular	26
Figura 3 - Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular).....	27
Figura 4 - Arrolamento elaborado pela equipe do MArquE.....	35
Figura 5 - Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular)	36
Figura 6 - Livro tombo, 1965	38
Figura 7- Anotação feita na primeira página do livro tombo de 1988.....	40
Figura 8 – Livro Tombo, 1988.....	40
Figura 9 - Ficha de Catalogação CT 063	42
Figura 10- Verso da ficha de catalogação	42
Figura 11- Ficha de Catalogação CT 013 com perda informacional.....	44
Figura 12- Verso, ficha de catalogação CT 013 com perda informacional.....	44
Figura 13 - Ficha de Catalogação (identificação do objeto)	50
Figura 14 - Ficha de Catalogação (identificação do bloco).....	50
Figura 15 - Ficha de Catalogação (Procedência)	51
Figura 16 - Ficha de Catalogação (Localização de guarda)	51
Figura17-Ficha de Catalogação (Arquivo suplementar, notas e dados de preenchimento).....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	13
1.2 <i>Objetivos</i>	15
1.2.1 Geral	16
1.2.2 ESPECÍFICOS	16
1.3 <i>METODOLOGIA</i>	16
2. MUSEUS QUE COLECIONAM	17
2.1 O NASCER DO MUSEU	17
2.2 Coleção de Etnologia (CULTURA POPULAR)	23
3. METAMORFOSE: OBJETOS QUE TRANSFORMAM, TRANSMUTAM	27
3.1 OBJETOS COMO PROTAGONISTAS DE NOSSA HISTÓRIA	28
3.2 EMERGINDO DO ESQUECIMENTO: QUANDO O OBJETO É MUSEALIZADO.....	31
4. MUSEUS E COLEÇÕES: O CASO DA COLEÇÃO CULTURA POPULAR	34
4.1 TRAJETÓRIA DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DENTRO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR).....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

A relação homem-objeto acompanha sua existência até a atualidade, e continuará perdurando devido a essa relação que traz questões desde simbólicas até sentimentais. O colecionismo está presente no hábito de selecionar, organizar, guardar, trocar, enfim, reunir objetos onde são ressignificados e lhes dado à atribuição de valor, indo além de sua funcionalidade. Foi assim que surgiram os gabinetes de curiosidades, com suas mais diversas tipologias de acervos e coleções, que evoluíram até o que, atualmente, conhecemos como museu.

Este será um estudo de caso referente à Coleção de Etnologia (Cultura Popular), sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizado na Cidade Universitária em Florianópolis. Sua origem deu-se através do Instituto de Antropologia, sendo criado em 1965 e aberto ao público apenas em 1968, quando foi inaugurado na própria sede do Instituto.

Na década de 1970, o Instituto de Antropologia foi modificado para Museu de Antropologia, através da reforma universitária que foi instituída na universidade, com essa modificação, o museu passou a ser responsável pelas exposições de coleções. Em 1978, seu nome foi mudado para Museu Universitário e, assim, seu foco passou a ser também de salvaguarda. Em 1993, o Museu comemorou seus 25 anos de criação e homenageou o seu fundador e primeiro diretor, mudando o nome para Museu Universitário “Oswaldo Rodrigues Cabral”.

Hoje, o Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral, conhecido também por MARquE, possui sua Divisão de Museologia, produz atividades de extensão, arquivos, ações educativas, projetos de pesquisa, estudos museológicos, documentação, arquivística e bibliográfica, constituindo-se de Arqueologia pré-colonial e Histórica, Etnologia Indígena e de Cultura Popular, segundo o plano museológico do MARquE (2016).

Durante seu processo de desenvolvimento e crescimento, até se tornar museu universitário, houve aquisições por meio de doações, compras e comodatos, que acabaram formando suas coleções. A falta de critérios específicos de aquisição e a

ausência de uma política de aquisição e descarte de acervo implementada¹, refletem hoje em excesso de acervo na reserva técnica — interferindo na conservação de alguns objetos — e em uma documentação divergente que acaba dificultando na gestão da coleção, além das diferentes gestões e administrações passadas, que contribuíram para essas problemáticas.

O Museu possui uma trajetória histórica que envolve não somente a Universidade, como também, todas as comunidades vinculadas a ele, como as do litoral catarinense, açoriana e estudantis. Portanto, esses objetos fizeram parte de exposições, pesquisas, ações educativas, entre outras atividades, que tornaram esses objetos, além de históricos, portadores também de uma representatividade local.

A Coleção de Etnologia (Cultura Popular) é composta por, aproximadamente, 1.700 peças, com diversificada tipologia de acervo, refletindo as tradições, lendas, mitos folclóricos, religiosidade e o cotidiano dos colonizadores pioneiros da Ilha de Santa Catarina (MARQUE, 2016).

Analisaremos os processos elaborados junto à equipe responsável pela coleção, em como proceder e quais critérios e metadados que serão utilizados. A fim de aprimorar ferramentas que contemplem a coleção e suas informações extrínsecas, a partir da análise e catalogação que utiliza como base suas informações intrínsecas, que em sua maioria é desconhecida. De maneira que seja criado um sentido e um critério a ser seguido sobre esses objetos, baseando-se na missão do Museu, com o propósito de documentar, criar uma base documental mais estruturada, de modo que preserve e mostre o real significado e significações para as comunidades tradicionais do litoral catarinense, como também reflita em projetos de pesquisas e ações educativas, desenvolvidos pelo MARquE junto à comunidade, além de proporcionar uma gestão mais fluida em questões informacionais.

Esse estudo será feito abordando a história das coleções, em como o colecionismo faz parte da natureza humana, trazendo como suporte questões voltadas para a cultura material, atribuições de valores – histórico, artístico, cultural,

¹ Onde resultou na Portaria nº 07/SeCult/2013, de 8 de maio de 2013, dado presente no Plano Museológico do MARquE, em : <http://museu.ufsc.br/files/2016/03/Plano-Museol%C3%B3gico-do-MARquE.pdf>.

pessoal - e que através dessa relação homem-objeto, hoje nos encontramos nessa situação em que colecionadores trouxeram suas coleções para o museu tornando-as parte dele. Contudo, devido à forma de entrada dessas coleções no museu, esse acervo possui lacunas informacionais que influenciam diretamente na documentação museológica da instituição, resultando em uma documentação divergente, incompleta, de forma a dificultar a gestão da coleção e, conseqüentemente, obstaculizar o acesso à informação.

Baseado nisso, buscarei refletir sobre gestão da Coleção de Etnologia (Cultura Popular) e sua importância no desenvolvimento de fichas de catalogação, através dos trabalhos junto à equipe do Museu e o contato direto com a coleção durante o período² de estágio neste museu, utilizando como fontes de pesquisa documentos voltados para a história do MARquE direcionando para a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), e o diagnóstico feito pela sua própria equipe, além de fichas de catalogação criadas durante a existência dessa coleção. Buscando descobrir critérios e ações que auxiliem no desenvolvimento de novas fichas, sistematizando suas informações documentais de forma que facilite o processo de pesquisa e segurança desta coleção.

1.1 JUSTIFICATIVA

Os museus possuem importância cultural no mundo contemporâneo, um espaço não de verdades, mas sim de representações. De acordo com Dominique Poulot (2013), o museu é um colecionador social, que muitas vezes não busca apenas guardar, preservar e conservar, mas também coletar. Mas o que coletar? Para quem coletar? Há espaço na minha reserva? Tenho muitos objetos? Tenho recursos para a manutenção e conservação dessas novas peças?

Essas breves questões se ramificam em muitas outras que estão diretamente relacionadas neste estudo com a proposta do Plano Museológico da Instituição (2016), gestão de acervos e a missão do MARquE. Aquisições sem critérios resulta em, como Vera Tostes afirma,

[...] Na multiplicidade de itens preservados sem a apreciação da sua real necessidade. Como consequência, muitas reservas estão recheadas de

² Período de abril de 2019 a dezembro de 2020 (Estágio obrigatório e bolsa PIBE).

objetos questionáveis, hoje protegidos sob o *guarda-chuva* de preservar a memória de alguém ou de alguma coisa, revestidos da aura de eternidade física e espacial” (Tostes, 2005, p.76-77).

Ainda hoje, há uma quantidade significativa de museus brasileiros que estão em processo de transição para estar de acordo com as legislações voltadas para a regulamentação dos museus, como a Política Nacional de Museus (IBRAM, 2007)³, Estatuto de Museus (BRASIL, 2013)⁴ e a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009⁵ — que será mais abordada neste estudo — que determina na seção III do Plano Museológico, no art.46 um programa de gestão de acervos na instituição no qual:

Art.47. Os projetos componentes dos programas do plano museológico caracterizar-se-ão pela exequibilidade, adequação às especificações dos distintos programas, apresentação de cronograma de execução, a explicação da metodologia adotada, a descrição das ações planejadas e a implementação de um sistema de avaliação permanente.

Nesse sentido, se faz importante a criação e implementação de um plano museológico. Esse processo de regulamentação decorre de muitas modificações e adaptações que trazem indagações e desafios. À vista disso, a falta de uma Política de Aquisição e Descarte, como no caso do MARquE, reflete diretamente em problemas voltados para a gestão do acervo, que é fundamental, como enfatiza Nicola Ladkin (2004):

A política de Gestão de Acervo é considerado um documento tão importante, que tem a sua própria sessão no Código de Ética para Museus do ICOM, em que declara que o órgão administrativo de cada museu deve adoptar e editar uma política do acervo redigida, que defina a aquisição, preservação e utilização do acervo. Sendo assim, ter uma política de gestão do acervo é uma responsabilidade de ética profissional (Ladkin, 2004, p.18)

O desenvolvimento de estímulos e fomentos para contribuir na construção de uma política de gestão de acervos, neste caso, é repleto de desafios. Além disso, a busca em solucioná-los decorrerão em desfechos, que poderão auxiliar não só no MARquE, como em outros museus que estejam em situações semelhantes: documentação divergente, coleções de colecionadores com poucas informações sobre os objetos, repetição de artefatos, coleção composta por inúmeras tipologias, excesso de acervo. Enfim, museus que além de buscar fomentos que auxiliem nos desafios diários de coleções semelhantes à de Etnologia (Cultura Popular), também

³Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>

⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>

estimulem reflexões e ideias para a implementação de uma política de acervos em suas instituições.

A ligação entre homem-objeto — nesse caso, instituição/museu e objetos/coleções — e como essa relação influenciou nas aquisições feitas pelo Museu, é perceptível na história e trajetória do MARquE, onde essas pequenas coleções, que hoje formam a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), são consideradas, pela comunidade local, portadora de um valor histórico-cultural. Nesse sentido, um objeto ao entrar numa instituição como o MARquE — que tem como missão pesquisar, produzir e sistematizar o conhecimento interdisciplinar sobre populações pré-coloniais, coloniais, indígenas e realizar ações museológicas, visando a ampla compreensão da realidade, a partir da região na qual está inserido, refletindo criticamente sobre a diversidade sociocultural — acaba aumentando a visibilidade, de forma a ampliar sua carga simbólica, não para todo o Brasil, mas para mais comunidades locais que participem de ações museológicas educativas, exposições, ou que de alguma forma tiveram a oportunidade de ter contato com esse acervo e, conseqüentemente, com o próprio Museu.

Sendo assim, acervos que possuem valor para um público considerado “pequeno”, não são menos significativos que acervos considerados de grande valor pela maioria. Neste caso, apenas significa que implementar uma política de gestão de acervos nessa situação, deve ser pensada na carga simbólica específica e não de forma padronizada e generalizada, já que a história nunca é única.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos de uma pesquisa visam esclarecer aquilo que o pesquisador pretende desenvolver e alcançar através de sua pesquisa, assim, apresenta-se a seguir o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho:

1.2.1 Geral

Refletir sobre a influência da gestão de acervos, na documentação museológica e criação das fichas de catalogação.

1.2.2 Específicos

- a) Investigar critérios, pelo viés da Documentação Museológica, para contribuir na adequação das fichas de catalogação para a Coleção de Etnologia (Cultura Popular) do MARquE;
- b) Compreender o papel da gestão de acervos e sua importância na construção de uma ficha de catalogação, de forma que comporte a singularidade desta coleção;
- c) Verificar as informações extraídas da Coleção de Etnologia (Cultura Popular), por meio do diagnóstico documental realizado pela equipe do MARquE, de modo a proporcionar a coleta de mais informações e auxiliar na elaboração de uma sugestão de ficha para ser inserida no sistema Tainacan⁶.

1.3 METODOLOGIA

Este projeto é de natureza exploratória e descritiva, por tratar-se de um estudo de caso voltado para a Coleção Etnográfica (Cultura Popular) do MARquE. O estudo de caso é um método conhecido por permitir a realização de pesquisas profundas e amplas do objeto em análise. No estudo de caso é necessário que se escolha um tema, posteriormente, o pesquisador precisa realizar um recorte metodológico radical “de maneira que o pesquisador assume o compromisso de promover sua análise, de forma profunda, exaustiva e extensa” (Mezzaroba; Monteiro, 2009, p. 124). Da mesma forma, Gil (1991) define o estudo de caso como “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (Gil, 1991, p. 54).

Utilizando como ferramentas análises de fontes primárias como: o histórico do museu, diagnósticos produzidos pela instituição, artigos, documentos, relatórios de atividades e publicações feitas pelo MARquE . Da mesma forma, fará uso de

⁶ Ferramenta digital de gestão de acervos culturais para unidades de informação.

pesquisa *in loco*, na qual, através do trabalho diário com a equipe responsável por esta coleção, serão analisadas as dificuldades, problemas e soluções desenvolvidas no seu processo de documentação museológica. Do mesmo modo, serão utilizadas fontes secundárias, para trazer questões acerca do assunto, relacionando a história das coleções com as histórias das coleções trazidas pelos antigos diretores (apenas os colecionadores) do Museu, e assim demonstrar como o colecionismo faz parte da natureza humana, recebendo atribuições de valores. Ademais, buscará ressaltar a importância da implementação de uma gestão de acervo dentro das instituições, trazendo alguns exemplos que testemunham sua importância e desafios.

O propósito principal é o de desenvolver critérios e levantar pontos que contribuam na construção da ficha de catalogação, além de proporcionar, através desse estudo, ferramentas mais direcionadas para a gestão e documentação da Coleção Etnográfica (Cultura Popular), tratando os resultados de forma qualitativa, expressando assim conceitos, ideias e análises, que tragam reflexões, conscientização e auxiliem na solução para essa questão, além de servir talvez, como fonte para futuras pesquisas.

2. MUSEUS QUE COLECIONAM

Neste capítulo será abordada a origem do MARquE, através do seu histórico e trajetória como instituição. Da mesma forma, se buscará entender como emergiu a Coleção de Etnologia (Cultura Popular) e seus primeiros momentos na instituição.

2.1 O NASCER DO MUSEU

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 2003, p.411).

Em 1996, o Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina completou 30 anos de instituição, na ocasião, foi realizada uma homenagem — através da Revista Universitária⁷ — na qual relatou-se a trajetória do MARquE como instituição, bem como depoimentos de diretores e funcionários que participaram do desenvolvimento e ascensão do Museu como instituição museológica, de 1965 até

⁷ Disponível em museu.paginas.ufsc.br/files/2010/02/revista_mu_ufsc_30anos.pdf.

1996. Dessa forma, a partir das informações de anuais e documentos do Museu, os próximos parágrafos serão dedicados a apresentar, objetivamente, a história de tal instituição.

O Museu Universitário originou-se a partir do Instituto de Antropologia, em 1965, implementado pelo professor Oswaldo Rodrigues Cabral⁸, que estabeleceu como principal objetivo para a instituição — de caráter científico — atividades voltadas para pesquisas na área da Antropologia. Inicialmente, sua missão era explorar a “ampla compreensão da realidade, a partir da região na qual está inserido, refletindo criticamente sobre a diversidade sociocultural”(MUSEU UNIVERSITÁRIO-UFSC, 1996, p.4). De acordo com Silvio Coelho (MUSEU UNIVERSITÁRIO-UFSC,1996), em nenhum momento o intuito do professor Oswaldo era o de criar um museu em si. A origem da intenção para a criação do instituto foi expressa da seguinte forma:

Em [uma] carta enviada ao Conselho Universitário da UFSC (5 de Outubro de 1964), Cabral e dois auxiliares mais destacados (Silvio Coelho dos Santos e Walter Fernando Piazza) manifestam a preocupação com a preservação de sítios arqueológicos de Santa Catarina (e.g., sambaquis. Vestígios petroglifos e a cerâmica ou desenhos feitos nos abrigos pelos povos primitivos) e apontam, oportunamente, os instrumentos legais que praticamente impõem à UFSC as responsabilidades de preservação do patrimônio arqueológico (Lei 3.924, 26 de Julho de 1961). Os esforços deveriam ser planejados e somente seriam operacionalizados com a criação de uma nova unidade acadêmica. O documento atinge seus propósitos e, então, é criado o Instituto de Antropologia (1965) (Guerra, 2008, p.35).

O reitor na época, Ferreira Lima, autorizou ocuparem a antiga fazenda de Assis Brasil, onde com um auxílio financeiro da Universidade, reformaram o prédio e iniciaram as suas atividades (figura 1).

⁸ Através da Resolução nº089, de 30 de dezembro de 1965.

Figura 1 – Prof. Cabral mostrando aos assistentes as futuras instalações do Instituto de Antropologia, na década de 1970.



Fonte: <https://museu.ufsc.br/memoria/>

Em 1970, deu-se a Reforma Universitária na qual foi vetado o nome Instituto, obrigando os responsáveis pelos mesmos a mudar a nomenclatura, em meio a essa pressão e à cobrança de uma resposta rápida, o instituto apropriou-se da denominação ‘museu’, passando a ser conhecido então como Museu de Antropologia. De acordo com Guerra (2008), “O episódio causou um profundo mal-estar entre os pesquisadores, pois todos sabiam qual era a diferença entre uma instituição de pesquisa e outra que cuida do acervo antropológico”.

Com o tempo, "o museu universitário começou a se distanciar da pesquisa original, os laboratórios cederam espaço para exposição de peças". Diante do “fim” do Instituto para o agora museu antropológico, e diante das mudanças ideológicas iniciais originalmente almejadas, "o Instituto de Antropologia teve vida curta e se transformou em algo diferente do imaginado pelo seu criador" (Guerra, 2008). Dessa forma, Cabral pediu demissão de seu cargo de diretor, voltando apenas a lecionar como professor e, posteriormente, acabou tirando licença e aposentou-se em seguida. Por ser um de seus mais antigos auxiliares, Silvio Coelho⁹ acabou assumindo o cargo de diretor do Museu.

Quando o público começou a visitar a instituição, tornou-se visível a problemática de como lidar com tal movimentação, haja vista que o corpo técnico, do

⁹ Professor Silvio Coelho dos Santos, diretor no período de 1970 a 1975.

agora museu, era composto em sua maioria por pesquisadores sem prática na área museológica e um local limitado de espaço para eventuais exposições e armazenamento. Nesse sentido, foi através de improvisos que o espaço “foi ampliado, com a construção de três anexos destinados a exposições do acervo que fora coletado ao longo de anos de pesquisa” e, assim, foram feitas as primeiras exposições com acervo “classificado como arqueológico, etnológico e de cultura tradicional” (MARQUE, 2016).

Foi nesse momento, de acordo com Coelho (MUSEU UNIVERSITÁRIO-UFSC, 1996, p.17), que Franklin Cascaes começou a se aproximar do Museu, participando de atividades, até ser eventualmente contratado, trazendo o acervo de sua casa para o Museu. Nessa ocasião, Gelci José Coelho, mais conhecido por Peninha, se aproximou da instituição pela primeira vez, junto a sua paixão pela cultura açoriana.

Nesse mesmo período, a urbanização cresceu na ilha de Santa Catarina e despertou curiosos sobre a cultura do litoral catarinense. Dessa forma, com a chegada do acervo de Cascaes, onde foram construídas duas salas expográficas, foi proporcionada uma visibilidade de suas obras e da Coleção de Cultura Popular, públicos de vários lugares visitaram o local, intensificando as atividades museológicas e levando ao crescimento do ambiente — popularmente e fisicamente. Segundo Guerra (2008) a popularidade das obras de Franklin Cascaes, fez com que o Desterro ficasse conhecido como a “ilha da magia”, atribuindo uma visão lúdica à nossa cultura, mas é importante ressaltar aqui uma problemática levantada por Guerra (2008):

A valorização da herança cultural e a interpretação particular de certos aspectos do açorianismo, do ponto de vista artístico, melhora a nossa autoestima e abre portas à exploração do turismo cultural, mas é importante que a exatidão dos fatos seja preservada. (Guerra, 2008, p.37)

Em 1978, com entrada da professora Anamaria Beck¹⁰, junto ao Silvio Coelho e à Neusa Bloemer¹¹, as atividades museológicas intensificaram-se consideravelmente, aumentando o número de funcionários para dar suporte a essas atividades. As exposições, ações culturais e seminários, nesse período¹² — tiveram

¹⁰ Diretora no período de 1977 a 1982.

¹¹ Neusa Maria Sens Bloemer, diretora no período de 1982 a 1986.

¹² 1989-1990. Em 1986 a 1992, Luis Carlos Halfpap também foi diretor junto ao Beck.

como principais temáticas o folclore na ilha de Santa Catarina, cultura açoriana, brincadeiras com danças e lendas folclóricas — acabaram proporcionando um vínculo com a comunidade local, estudantes e moradores de Florianópolis e da área litorânea. Nesse período, a participação do público mostrava que havia identificação com as coleções, proporcionando relações¹³ com os mesmos e, conseqüentemente, com a instituição. Nesse instante o Museu estava sobre grande visibilidade em notícias de jornais, além de lançar uma revista¹⁴.

Em maio de 1978, o Museu passou a ser conhecido por Museu Universitário¹⁵, tendo como foco a salvaguarda de acervos. O tripé pesquisa, ensino e extensão foram a base da criação de um novo Regimento Interno, em 1991. Até então, o Museu tinha como cerne, ações de pesquisa, ensino e extensão em Arqueologia Pré-Colonial e Histórica. O que se destaca no acervo salvaguardado, vindo de pesquisas feitas pela própria instituição, é sua diversidade tipológica, contendo desde líticos, cerâmicas, cestarias, papéis, até tecidos e plumárias, conseqüentemente, necessitando de formas de acondicionamento mais específicas e delicadas.

O primeiro relatório de avaliação do espaço físico da instituição foi feito nesse mesmo ano, no qual ficou evidente a importância de ser construída uma Reserva Técnica para a conservação e segurança dos acervos, haja vista que estavam apresentando sinais de degradação devido à falta de um local adequado para armazenamento. A partir dessa avaliação, Teresa Fossari¹⁶ elaborou um projeto para o melhoramento, não somente da estrutura do prédio, como Reserva-Técnica, uma proposta de mais especialistas que contemplassem as necessidades de um museu.

Em meio ao seu desenvolvimento, no ano de 1993, o Museu — como ato de homenagem a Cabral — recebeu o nome dele e passou a se chamar Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral¹⁷.

¹³ Relações emocionais, culturais, territoriais, artísticas... Relações essas que proporcionara em abril de 1992, a criação da IV Semana de Estudos Açorianos.

¹⁴ Revista Anais do Museu de Antropologia, que foram inclusive solicitadas por universidades da Europa e dos Estados Unidos.

¹⁵ Mediante à Resolução nº 064, de maio de 1978.

¹⁶ Teresa Domitila Fossari, diretora de 1992 a 1996, e 2008 a 2013.

¹⁷ Por meio da Resolução nº 106/Cun, de outubro de 1993.

Pela variedade na tipologia de seus materiais havia dificuldades em sua conservação e documentação museológica. Dessa forma, diante de um acervo de representatividade valiosa, o Professor Peninha¹⁸ foi convidado pela Universidade a participar do primeiro Curso de Especialização em Museologia no Brasil¹⁹, com intuito de justamente suprir as demandas. Tal evento proporcionou a ampliação dos objetivos do Museu, passando a “intensificar a dinâmica de utilização do Museu como aparelho educativo, espaço de apresentação de resultados das pesquisas científicas nas áreas de Arqueologia, Etnologia indígena e Cultura popular por meio de exposições museográficas” (MUSEU UNIVERSITÁRIO – UFSC, 1996, p.38), desenvolvendo ações educativas, de pesquisa e extensão, ações agora direcionadas para a documentação e conservação dos acervos, progredindo assim nos quesitos de responsabilidade institucional, acesso e salvaguarda do acervo.

No ano 2000, o Museu começou a ser conhecido e reconhecido por pesquisadores, não só no Brasil, como em outros países, resultando em grande procura, por parte de instituições, nacionais e internacionais, para a criação de exposições, mostrando sua relevância para a cultura material brasileira naquele período - e principalmente para a cultura regional — o que chegou a expandir suas exposições fora do país.

A proximidade do público ao acervo, proporcionada pelo Museu, através de interações de cunho pedagógico, decorrente de exposições e ações educativas, possibilita uma experiência reflexiva e educacional, através da cultura material, na qual os acervos perdem sua funcionalidade e ganham significações, possibilitando a representação de uma cultura ou uma sociedade.

A ocupação do litoral catarinense a partir do século XVIII, tornou-se foco através do Núcleo de Estudos Açorianos, onde as pesquisas eram intensificadas, realizou-se então um

Mapeamento cultural - levantamento de dados da cultura material e da cultura oral, tenta perceber na contemporaneidade as permanências e a dinâmica cultural dos descendentes dos antigos povoadores açorianos. Cabe salientar que até a presente data [1996], quarenta e três municípios

¹⁸ Gelci José Coelho, museólogo, mais conhecido como “Peninha” foi diretor no período de 1996 a 2008, onde possuía grande interesse em aprender, de acordo com ele, sobre o folclore da Ilha de Santa Catarina.

¹⁹ Iniciativa da professora e doutora Waldisa Rússio Camargo Guarniere e Pietro Maria Bardi, junto à Escola de Sociologia e Política da USP e o Museu de Arte de São Paulo.

participam de forma sistemática de eventos que vão desde pesquisas, palestras, seminários, publicações e até festas populares, objetivando incentivar a participação da comunidade de forma lúdica, reconhecendo e valorizando os aspectos da herança cultural de base açoriana, e estimular a organização de grupos folclóricos, de festividades e da produção artesanal, buscando criar um corredor turístico cultural ao longo do litoral catarinense (MUSEU UNIVERSITÁRIO-UFSC-PRCE, 1996, p.12).

Fica assim evidente o progresso e expansão do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral como instituição no Brasil. Para além disso, a natureza universitária proporcionou o aumento de suas pesquisas, de forma a impulsioná-lo ao aprofundamento e expansão informacional, favorecendo parcerias de todas as partes do mundo, exaltando, valorizando e visibilizando a cultura açoriana do litoral catarinense.

2.2 COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR)

É fato que os seres humanos sempre tiveram a prática de colecionar objetos. No entanto, os primórdios dos museus — tais quais conhecemos atualmente — estão nos palácios de reis e aristocratas a partir do século XIV. Até este momento, colecionar era uma exclusividade de pessoas de classes sociais mais elevadas, como integrantes da realeza, nobres e o clero. Nesse sentido, as coleções possuíam como objetivo principal reunir objetos que elevavam a imagem dos proprietários. Dessa forma, surge na Europa um novo padrão de colecionismo, com origem aristocrática, que logo ficou conhecido como “gabinetes de curiosidade” — berço dos museus contemporâneos.

Nesse segmento, como a presente seção busca compreender o surgimento da Coleção de Etnologia (Cultura Popular), bem como apresentar os objetos que a compõem, entende-se que seja necessário primeiro definir o que é uma coleção, um dos conceitos basilares nos estudos da Museologia. Sendo assim, segundo Desvallées e Mairesse (2014), uma coleção é

um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada (Desvallées; Mairesse, p. 32, 2014).

Dessa forma, para estes autores, para que um agrupamento de objetos seja verdadeiramente uma coleção, é necessário que constituam — mesmo que

minimamente — um conjunto coerente e significativo. Para Desvallées e Mairesse (2014) é imprescindível que não se confunda uma coleção com um fundo, qual seja: “um conjunto de documentos de todas as naturezas (...) contrariamente a uma coleção, não há seleção e raramente há a intenção de se constituir um conjunto coerente” (Desvallées; Mairesse, 2014, p.32).

Nesse sentido, é possível perceber que a coleção é a fonte e a finalidade das atividades de um museu. Como escrevem os autores, a coleção (ou as coleções) “é o coração das atividades de um museu” (Desvallées; Mairesse, 2014, p. 32). Definido o que configura uma coleção, os próximos parágrafos serão dedicados a desvendar a coleção de Cultura Popular presente no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE/UFSC).

A formação do acervo do MARquE está diretamente ligada com a trajetória da instituição — que possui suas raízes no Instituto de Antropologia — sendo também vanguardista do ensino e da pesquisa tanto no campo da Antropologia quanto no da Arqueologia no Estado de Santa Catarina. Dessa forma, o acervo deste Museu tem como fonte principal as pesquisas científicas realizadas pelos seus integrantes e parceiros ao longo das décadas. Tais contribuições ajudaram a construir a coleção conhecida como “Cultura Popular” (MARQUE, 2016).

É fundamental compreender que nas instituições museológicas, as coleções que contemplam a questão cultural recebem o nome de “Cultura Popular” (Bastos, 2019). Neste tópico é interessante observar que entre as décadas de 1950 e 1960, o nacionalismo brasileiro, como política, buscou criar uma unidade para o país e forneceu suporte para os museus no sentido de adquirir objetos ligados às pesquisas de campo, formando as primeiras coleções de cultura popular nos museus brasileiros (Furquim; Nascimento, 2017).

Segundo o Plano Museológico do MARquE de 2016 - 2021, a coleção Cultura Popular é formada por obras de autoria de Franklin Cascaes — composta por desenhos, esculturas em gesso e argila e documento manuscritos —, bem como de desenhos sobre papel e de conjuntos escultóricos, que juntos somam 3.400 peças, além de registros etnográficos. Aliás, o documento destaca também a Coleção de Rendas de Bilro, composta por 270 peças, que integra tal coleção. Nesse sentido,

sobre a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), é exposto no Plano Museológico o seguinte:

O acervo de Cultura Popular abrange objetos relacionados às comunidades tradicionais do litoral catarinense. Além do maquinário remanescente de engenhos de fabricação de farinha de mandioca e de açúcar de cana, o acervo é integrado por embarcações, cestarias, recipientes cerâmicos, rendas de bilro, dentre outros objetos. O destaque deste acervo é a coleção Elizabeth Pavan Cascaes, reunindo a produção do artista Franklin Joaquim Cascaes composta por desenhos, esculturas em gesso ou argila e documentos manuscritos. A coleção Elizabeth Pavan Cascaes igualmente apresenta documentação museológica, disponível no mesmo banco de dados do acervo citado anteriormente. (Plano Museológico MARquE/UFSC, 2016, p. 20)

Os itens mais antigos que compõem a coleção Cultura Popular são aqueles advindos da doação de objetos de Oswaldo Rodrigues Cabral — frutos de doações realizadas pelo professor — com entradas datadas desde 1965. Os itens são variados, com uma grande diversidade de materiais, desde rendas a cerâmicas (Bastos, 2019).

Para além dos itens da Coleção Oswaldo Rodrigues Cabral, também fazem parte do acervo Cultura Popular as obras de Franklin Joaquim Cascaes, haja vista que, em 1974, um convênio firmado entre a Prefeitura de Florianópolis e a instituição, trouxeram tanto o Professor Cascaes quanto suas obras para o Museu. O Professor Franklin Joaquim Cascaes (1908 - 1983), nascido na então cidade de São José/SC (que atualmente pertence ao município de Florianópolis), era de uma família de descendentes de açorianos e desde criança aprendeu os afazeres relacionados à pescaria, trabalho em engenho de açúcar e plantação de mandioca. Além disso, dominava habilidades para produzir balaios, tipitis, cordas de cipó, cercas de bambu, remos, jererés, tarrafas, bem como fazer desenhos usando carvão e moldar bonecos de cerâmica.

Durante décadas o professor se debruçou sobre temáticas que compreendiam os residentes do litoral catarinense e as comunidades de pescadores da Ilha de Santa Catarina em registros considerados, por muitos, quase arqueológicos. Suas obras, que incluem as mais diferentes formas de arte, abrangem as histórias catarinenses sobre mitologia, costumes, crenças e características populares daqueles que habitaram o território da Ilha de Santa Catarina²⁰. Os objetivos que

²⁰Disponível

em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=franklin+cascaes&menu=1&submenuid=sobre>. Acesso em: 28 ago. de 2022.

formam o acervo do professor Franklin Joaquim Cascaes, encontram-se hoje no MARquE sob o nome de sua esposa Elizabeth Pavan Cascaes.

Em trabalho realizado no ano de 2014, Vivian Guimarães apontou que grande parte das exposições realizadas no Museu MARquE-UFSC, foram feitas pelo Setor de Cultura Popular com o acervo e/ou reproduções da Coleção Elizabeth Pavan Cascaes, bem como instalações artísticas inspiradas nas obras de Franklin Cascaes. Os dados levantados apontam que entre os anos de 1971 e 2014, 229 exposições ocorreram e, entre estas, 126 eram da Coleção de Cultura Popular. O que demonstra que este acervo museológico foi o mais exposto na história do Museu (figuras 2 e 3).

Figura 2: Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular)



Fonte: Banco de dados/MARquE – 2019²¹

²¹ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

Figura 3: Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular).



Fonte: Banco de dados/MARquE – 2019²²

3. METAMORFOSE: OBJETOS QUE TRANSFORMAM, TRANSMUTAM

A relação do ser humano com os objetos antecipa o *homo sapiens*, tendo em vista que através deles foi possível ter abrigo, segurança e alimentação. Objetos estão inseridos na nossa vida desde que nascemos, existem os mais diversos tipos. No entanto, o que torna um objeto importante, somos nós, porque eles se relacionam conosco, estão no nosso passado, presente e futuro e podem representar qualquer coisa, mesmo que não seja sua função física de fato.

Neste capítulo abordarei a relação entre ser humano e objeto, suas diversas intensidades, bem como será demonstrado como alguns objetos acabam se tornando protagonistas, representando comunidades, culturas, religiões, memórias. Da mesma forma, será verificado como esses significados podem ser ampliados quando inseridos em instituições de memória, por exemplo, ao passar pelo processo de musealização, no qual ganham seu espaço para despertar emoções.

²² Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

Quem pressentiu alguma vez o poder, o poder soberano do objeto? No nosso pensamento sobre o desejo, o sujeito detém um privilégio absoluto, já que é ele que deseja. Mas tudo se inverte, se passarmos para um pensamento sobre a sedução. Aí, não é mais o sujeito que deseja, é o objeto que seduz. Tudo parte do objeto e tudo volta a ele, tal como tudo parte da sedução e não do desejo. O privilégio imemorial do sujeito inverte-se. Porque este, podendo apenas desejar, é frágil, enquanto o objeto, por seu lado, joga muito bem com a ausência de desejo. Ele seduz através desta ausência de desejo, joga no outro com o efeito de desejo, provoca-o ou anula-o, exalta-o ou decepciona-o – esse poder, quisermos ou preferimos esquecê-lo (Baudrillard, 1996, p.100).

3.1 OBJETOS COMO PROTAGONISTAS DA NOSSA HISTÓRIA

As coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição, textura, duração, densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade, contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido. As coisas não têm paz. (Antunes, 1998 *apud* Bruno, 2009)

Essa inquietude, originária da relação homem-objeto, é o que instiga o movimento aos questionamentos sobre os artefatos — artefatos esses que, por uma grande razão, acabam se sobressaindo diante de outros objetos presentes na nossa vida, proporcionam reflexões voltadas para seu material e valor simbólico. Onde, como um efeito dominó, desencadeiam análises intrínsecas, muitas já descritas acima, na letra da música de Antunes, e análises extrínsecas, onde começam as explorações do sentido artístico, emocional, cultural, como recurso para pesquisas, suas significações e possíveis ressignificações, a que histórias pertenceu, se foi ou é protagonista de sua história ou coadjuvante de outra além da possibilidade de pertencer a uma nova história a partir de agora (Bruno, 2009).

Desde os primórdios, o ser humano busca entender o universo e o mundo que o cerca, naturalmente curioso e engenhoso, os objetos foram produzidos com suas utilidades funcionais, suas utilidades sentimentais e através de suas representações, por exemplo, quanto ao ato de fazer, ao que não se vê, ou até quanto a quem já se foi, mas expressamente as atividades humanas. Objetos estão presentes em nossa vida desde que o ser humano é ser humano, fizeram e fazem parte do nosso cotidiano. Alguns têm poucos, outros o suficiente, já alguns têm demasiadamente, e é nesse apego, nesse cuidado, nessa conexão que consiste na ideia de colecionismo.

O ato de colecionar pode ser mesmo pensado como uma operação mental necessária à vida em sociedade, expressando modos de organização, hierarquização de valores, estabelecimento de territórios subjetivos e afetivos. Colecionar, nesse sentido, significa estabelecer ordens,

prioridades, inclusões, exclusões e está intimamente associado à dinâmica da lembrança e do esquecimento, sem a qual os indivíduos não podem mover-se no espaço social. (Abreu, 2005, p.103)

Ou, segundo Philipp Blom (2003), “o ato de colecionar, como projeto filosófico, como tentativa de dar sentido à multiplicidade e ao caos do mundo, e talvez até descobrir seu significado oculto”, diante das motivações e a história das coleções e de grandes colecionadores.

Quando emergimos realmente nos objetos e no mundo das coleções, o número de objetos é insignificante. Haja vista que processamos e enxergamos além de sua materialidade, entendendo seu verdadeiro significado quando em seu lugar de origem, construímos uma relação de interação e até mesmo de dependência, “o olhar sobre o *outro*, o compreender o *outro* nos seus próprios termos” (Abreu, 2005, p.101), despertando uma troca e a percepção do valor existente nas diferenças.

Os museus foram palco para muitos colecionadores e suas coleções, inicialmente conhecido como gabinetes de curiosidades. No início, tinham a proposta de ver o “nunca visto”, de conhecer o desconhecido, até se tornarem fonte de pesquisa e contribuírem de forma significativa para a ciência. Com o passar do tempo, o objetivo do museu não era mais o de fornecer contemplações e sim reflexões e, conseqüentemente, transformações de ideias, de pensamento, uma proposta de olhar as coisas por uma outra perspectiva, a percepção de uma nova história... Ou seja, os museus, decorrentes da arte de colecionar, segundo Bruno (2009), acabam por:

Alavancar estas coleções para o embrião dos debates sobre cultura, ciência, poder, hegemonia, colonização, espoliação, tecnologia, biodiversidade, produção científica e artística, o fazer popular, entre muitos outros temas que mobilizam há muito tempo as gerações e facções de intelectuais que se debruçam sobre estas questões e a partir delas organizam programas de pesquisa e ensino e, ainda, constituem instituições. (Bruno, 2009, p.15)

Sendo assim, Bruno (2009) afirma que a Museologia tem um papel fundamental em enfatizar a significância e importância do entendimento e estudo das questões de cultura material e herança cultural para a concepção — e eventuais contextualizações — de referências culturais, memórias (lembradas e esquecidas), bem como levantamentos de valor e poder, presentes em instituições museológicas que “ao mesmo tempo em que tem a responsabilidade de guardar tem a obrigação de comunicar” (Bruno, 2009, p.16).

Os museus brasileiros são baseados em uma Museologia de modelo europeu, onde os acervos, coleções e pesquisas voltadas para a cultura material acabam tornando-se a identidade do museu. A centralização dos seus acervos arqueológicos e etnográficos definem as possibilidades de inserção de atividades socioculturais, o desenvolvimento de projetos de pesquisa e ações educativas.

Sobretudo, nosso país é vasto em colonizações de origem estrangeira, por isso, desenvolveram-se, naturalmente, questionamentos diante da transformação territorial atreladas à coabitação de diversas etnias, resultando em marcantes rupturas, resistências, revoluções, bem como em relações interétnicas, propagação de culturas e novas tradições. Estas relações que hoje formam inúmeras identidades geram assuntos a serem estudados, debatidos e analisados de modo que,

buscam compreender os diferentes graus de alteridade que são constitutivos das nossas características identitárias, como também, apontam para a complexidade da história cultural brasileira, permeada por paradoxos (Bruno, 2009, p.17).

Ou seja, a busca por semelhantes — étnico, cultural, historicamente — é natural e necessária para nós, enquanto indivíduos. Sendo assim, os museus são lugares de memória: memórias expostas, contempladas e aceitas (ou não) como parte de uma identidade pelo visitante. Dessa forma, os museus arqueológicos e etnográficos:

Desempenham um papel social, não só preservando as expressões materiais, mas produzindo e disseminando o conhecimento, participando dos processos educacionais e, especialmente, interagindo com os diferentes contextos socioculturais mediante a valorização das noções e ações ligadas ao despertar das sensações de pertencimento, a explicitação da importância do respeito à diversidade e a indicação sobre os vetores que nos levam a compreender a alteridade cultural (Bruno, 2009, p.17-18).

Em outras palavras, os museus são atores importantes quanto à percepção e compreensão das mais diversas culturas, conseqüentemente direcionando e desenvolvendo as relações individuais às coletivas expostas nos mesmos, influenciando assim, nas construções de alteridades.

3.2 EMERGINDO DO ESQUECIMENTO: QUANDO O OBJETO É MUSEALIZADO

Juntem botões de rosas enquanto podem, o tempo ainda está passando: E a flor que hoje sorri amanhã estará morrendo. (Herrick, 1648, *apud* Blom, 2003, p. 38).

Inicialmente é necessário entender o conceito de documento. Sendo assim, documento é qualquer objeto portador, suporte, fornecedor de informação, de acordo com Le Coadic (1996). O documento “[...] se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação” (Padilha, 2014, p.13). Assim, a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte, de forma geral. Dentro do contexto museológico “pode-se compreender que a informação está atrelada a um documento/objeto, que comporta um significado e que, ao entrar um processo comunicativo, emite uma mensagem” (Padilha, 2014, p.14). Por tanto, a documentação de forma simplificada seria o conjunto de documentos, com um sistema organizacional de informações de acordo com um certo assunto, ou seja, a documentação tem como objetivo agrupar informações que se associam dentro de um conteúdo específico, de forma que quando houver a necessidade de encontrar algo sobre esse determinado conteúdo, seu acesso seja rápido e fácil. Por isso, Smit (1986, p.10) afirma que “a documentação é também chamada ‘ciência da informação’”.

Ao entrar no museu o objeto é “descaracterizado” de suas funções e passa por uma releitura, essa transformação é decorrente da sua musealização que,

[...]consiste em um conjunto de processos seletivos de caráter informacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa (Loureiro, 2012, 204-205)

Portanto, podemos pensar no objeto musealizado, como um objeto que é descaracterizado de sua função inicial transformado em um documento que emite uma “nova mensagem”.

Dentro do campo da Museologia, a documentação é direcionada e mais específica, onde, de acordo com Cândido (2006, p.34), “a forma/função do documento em sua origem é que define o seu uso e destino de armazenamento

futuro, independentemente do seu suporte”. Sendo assim, podemos definir que documentação museológica é a

documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (Ferrez, 1994).

Diante das informações identificadas perante o objeto, é importante entender que essas informações são analisadas de duas formas: intrínseca e extrínseca. De acordo com Ferrez (1991), as informações intrínsecas são deduzidas a partir do próprio objeto e sua estrutura física; enquanto as informações extrínsecas são determinadas com base no contexto histórico do objeto e os significados adquiridos em sua trajetória. Sendo assim, as decodificações dessas duas vertentes informacionais, atreladas a um vocabulário controlado, de acordo com a instituição em que se insere esses objetos, podemos confirmar que o objeto/documento é o protagonista de sua documentação. A documentação museológica é uma das ações da musealização,

cabe ao sistema de documentação museológica gerir e organizar seu acervo a partir da entrada, quando são realizados os procedimentos de seleção e aquisição; da organização ao controle, referentes aos processos de registro, número de identificação/marcação, armazenagem/localização, classificação/catalogação e indexação; e das saídas, momento da recuperação e disseminação da informação. (Ferrez, 1994 *apud* Padilha, 2014, p. 18)

Dessa forma, um dos objetivos da documentação museológica é o de coletar informações específicas, de forma controlada, através da documentação dos objetos/documentos, de forma a autenticá-los/legitimá-los. Além de criarem órgãos que legitimam essas práticas (CIDOC)²³, desenvolvendo instrumentos de ações voltadas para soluções e otimizações, acessibilidade e pesquisas. Portanto, "o objeto museológico, ao ser incorporado pelo museu, possui uma continuidade na construção de sua trajetória e por consequência, inicia uma nova história que também deve ser documentada." (Ferrez, 1994 *apud* Padilha, 2014, p.19-20)

Existem ainda instituições sem a implementação de algumas políticas, seja por falta de um museólogo ou por influências superiores. Quando ainda não

²³ Conselho Internacional de Museus, é uma organização sem fins lucrativos responsável pela criação de políticas internacionais para os museus, mantendo relações com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e é membro do Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas.

desenvolvida, deve haver uma sistematização padrão e coerente na decisão de entrada de um novo acervo, que obrigatoriamente deve dialogar com a missão do museu. Alguns critérios a serem considerados seriam: a relação do novo acervo com as coleções já existentes; sua representatividade, significado e importância cultural/social para com a comunidade associada ao museu e principalmente, se a instituição tem estrutura de salvaguarda necessária para acomodação do novo objeto/documento. Camargo-Moro (1986) afirma que, ao mesmo tempo que há uma atuação sistemática nesse processo de aquisição, deve-se ter a sensibilidade de perceber a representatividade do acervo para a comunidade. E continua ressaltando:

A responsabilidade que o profissional de museu tem frente às gerações passadas e futuras na transmissão dos bens culturais, sua herança cultural, é imensa. Cabe a ele não apenas preservá-la sem pensar em seu valor de momento, mas também, com este mesmo pensamento, selecionar a coleta, e capturar ao máximo de informações passadas, presentes e futuras, documentado e, portanto, enriquecendo o acervo coletado, e tornando-o fonte de conhecimento para o desenvolvimento da humanidade. (Camargo-Moro, 1986, p. 17)

Todas as ações realizadas desde o ato de entrada/aquisição do objeto/documento na instituição, seu registro informacional é inserido na ficha de catalogação/ficha de registro, legitimando seu processo de musealização. Quando bem desenvolvida e preenchida de forma padronizada a ficha de catalogação proporciona a salvaguarda dos acervos. De acordo com Camargo-Moro (1986), devem existir no mínimo os seguintes metadados: número de registro da peça (fornecido pela instituição); data de entrada/aquisição decisiva; nome do objeto; descrição (sumária); classificação genérica, forma de aquisição; origem; procedência; histórico do objeto; observações. Por serem critérios mínimos, é determinante que os responsáveis pela personalização da ficha possuam conhecimento abrangente sobre o acervo, já que os metadados a serem adicionados devem contemplar as características informacionais da coleção.

Através de controles de entrada, saída, localização, conservação de seu estado físico, valor simbólico e diante das informações construídas e registradas nas fichas de catalogação de cada objeto musealizado, fica evidente sua importância informacional e a representatividade daquele objeto/documento para a instituição, comunidade, seus visitantes e para outros museus e instituições acadêmicas no desenvolvimento de projetos, ações educativas e como fonte de pesquisa.

Um bom gerenciamento e documentação museológica dentro do Museu favorece a disseminação de conhecimento através de programas e ações, desenvolvidas de acordo com a missão do MARquE, voltadas para: pesquisas, ações educativas, exposições (itinerantes, empréstimos de acervo, exposições em outros museus). Sendo assim o que sustenta o museu é a salvaguarda, a pesquisa e a comunicação e tudo só é possível dentro de um sistema operacional de gestão clara que proporciona acessibilidade e transparência, quando necessário — isso quando bem desenvolvida e executada pelos profissionais responsáveis.

Isto posto, o próximo capítulo irá focar na experiência da pesquisadora, enquanto estagiária do MARquE, focando na sua gestão no que diz respeito à documentação e catalogação da Coleção de Etnologia (Cultura Popular). Através da vivência deste período no Museu, buscará identificar, se a catalogação dos objetos de tal coleção foi realizada de maneira correta e, se não, como isto afeta a preservação da própria coleção.

4. MUSEUS E COLEÇÕES: O CASO DA COLEÇÃO CULTURA POPULAR

No museu, o paradoxo do valor é o dilema de gestão sempre presente: uma combinação de necessidade de trabalho altamente especializado [...] aliada a escassez dos recursos financeiros ...". (Benhamou, 2007. *apud* Bloise, 2011, p.43).

Em 2019, iniciou-se o contato direto com a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), através do estágio realizado no MARquE. A primeira atividade desenvolvida foi a retirada de objetos que poderiam ser da coleção e que estavam localizados embaixo de uma escada dentro da instalação. Os objetos estavam em um canto onde não havia contato direto com pessoas, não havia janela impedindo a incidência de luz sobre os mesmos, não havia nenhum tipo de infiltração ou umidade, e mesmo não sendo um local de frequente acesso e sem luz, havia grande circulação de ar. Um dos objetivos era tentar localizar objetos que estavam com a localização preenchida como “não identificada”. Os objetos encontrados foram higienizados, documentados e armazenados temporariamente em uma sala para análise individual pela restauradora Vanilde Rohling Ghizoni.

As atividades seguintes foram voltadas para a manutenção, confirmação e inserção de informações referente à Coleção de Etnologia (Cultura Popular). Iniciou-

se o processo de confirmação de itens, um por um, e foi através desse processo que foram confirmadas as lacunas: objetos que não foram encontrados, objetos com mesma numeração, objetos sem foto e sem etiqueta de número tombo, entre outras. Com orientação dos profissionais do Museu, otimizamos um arrolamento pré-existente, preenchendo e acrescentando metadados a partir das seguintes atividades desenvolvidas:

- Averiguação nos números tombo e designação de numerações provisórias/temporárias e novos números;
- Checagem da localização física do objeto dentro da reserva técnica;
- Registro fotográfico dos objetos (figura 4).

Figura 4: Arrolamento elaborado pela equipe do MARquE.

Número	Desdobramentos	Nº anterior	Nome/descrição	Localização	Larg./Diam.	Alt./Comp.	Prof./Esp.	Imagem
0001	-	CT082	Boi	CN1	6,5cm	12,8cm	12,2cm	
0002	-	CT083	Carneiro	CN1	5,5cm	13,1cm	9,9cm	
0003	-	CT084	Carneiro	CN1	6,3cm	12,6cm	10,6cm	

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Dessa forma, a próxima seção irá fazer um breve apanhado sobre as fichas de catalogação utilizadas dentro da Coleção Cultura Popular, assim como irá tratar do estado de conservação no qual esta coleção se encontrava em 2019. Para tanto, foram utilizados os relatórios anuais do Museu, bem como, as experiências adquiridas durante o trabalho exercido na instituição. O intuito da seção é

demonstrar o trabalho de documentação museológica e gestão do Museu, com fotos e registros tanto das fichas quanto dos objetos.

4.1 TRAJETÓRIA DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DENTRO DA COLEÇÃO DE ETNOLOGIA (CULTURA POPULAR).

A Coleção de Etnologia (Cultura Popular) tornou-se cada vez mais variada em tipologias, hoje ela é composta por aproximadamente 1657 itens, localizados na Reserva Técnica I, no momento, nenhum está em exposição no MARquE. O estado de conservação dos objetos, em sua maioria, está de regular a bom. Ademais, dois artefatos encontram-se na quarentena para tratamento. Abaixo, na Figura 5, segue o exemplo de alguns dos acervos sob guarda:

Figura 5: Acervos pertencentes à Coleção de Etnologia (Cultura Popular)



Fonte: Banco de dados/MARquE – 2019. Colagem feita pela autora²⁴ em 2022.

²⁴ Registros fotográficos feitos, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

Quando é mencionada a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), rapidamente se associa a Franklin Cascaes, no entanto, como é possível verificar nas imagens acima, ela vai além dos trabalhos do folclorista. Em pesquisa realizada no Relatório Anual de 2016²⁵ do MARquE, é possível constatar que realmente existem ações voltadas para o acervo de Cascaes, entre elas: exposições, implementação de acessibilidades (libras, textos em braile, intérpretes...), pesquisas, fabricação de catálogos para projetos educativos, seminários, oficinas etc.

No Relatório Anual de 2017²⁶, foi identificada a primeira ação (registrada em documentos) na seção de Gestão de Acervo, sobre a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), direcionada à “remoção de lixo e móveis quebrados do Engenho de Farinha para que fosse possível a verificação de peças do acervo de Cultura Popular presentes nesse espaço” (MARQUE, 2017, p.12). Na ocasião, foram encontrados cestarias e objetos em madeira, nos dias 5 e 6 de dezembro de 2017, ou seja, essas peças não estavam agrupadas como uma coleção. Dessa forma, foi proposta uma iniciativa para reunir a coleção para possibilitar a realização de um inventário e, posteriormente, sua documentação museológica.

Em 2018²⁷, por outro lado, as ações direcionadas à Coleção de Etnologia e (Cultura Popular) se expandiram, foram realizadas a higienização de peças, bem como providenciado espaço para elas na Reserva Técnica I²⁸ e executadas restaurações em algumas poucas peças. Neste relatório de 2018, também consta um maior progresso — com auxílio de estagiários — no processo de documentação museológica; “revisão de dados da coleção, reorganização da coleção na reserva técnica [...] documentação fotográfica do processo [...] confecção de embalagens para o acondicionamento do acervo” (MARQUE, 2018, p.44). Além de atividades de higienização mecânica das peças, o preenchimento de fichas voltadas para o estado de conservação, limpeza dos mobiliários de armazenamento e a elaboração de invólucros para melhor acondicionamento da coleção. Essas atividades foram executadas de março de 2018 a fevereiro de 2019.

²⁵ Disponível em <http://museu.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Relat%C3%B3rio-MARquE-2016.pdf>

²⁶ Disponível em <http://museu.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Relat%C3%B3rio-MARquE-2017.pdf>

²⁷ Relatório anual disponível em <http://museu.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Relat%C3%B3rio-de-atividades-MARquE-2018.pdf>

²⁸ Reserva Técnica II é exclusivamente para o setor de Arqueologia.

Nos anos iniciais do Museu, quando começou a expandir a coleção e as primeiras fichas de catalogação desses objetos foram criadas, os metadados eram mais objetivos e menos detalhados, tendo em vista que o corpo de profissionais naquela época não era especializado em atividades voltadas para um museu, resultando hoje em lacunas informacionais.

Como metodologia para identificar os primeiros acervos da Coleção de Etnologia (Cultura Popular) utilizados na primeira exposição do MARquE, pesquisou-se no livro tomo, que possuía em seu interior registros de entrada de 1965, não ficando clara a data do preenchimento dele, mesmo que em sua capa apareça registrado o ano de 1972.

O primeiro acervo registrado confirma seu pertencimento à Coleção de Etnologia (Cultura Popular), denominado naquele momento como Cultura Tradicional, por isso, seus números de registros são apresentados de forma que antecedem as letras “CT”. Após identificação do primeiro acervo, CT 001, ilustrado abaixo (figura 6), pesquisou-se nos sucessores livros tomos a correspondência das informações referentes a esse.

Figura 6: Livro tomo, 1965.

NOME OBJETO	DATA ENTRADA	NATUREZA	OBJETO	ORIGEM: SEMANA	PREVINDÊNCIA	INCORPORAÇÃO	VALOR	OBSERVAÇÕES
				"CULTURA TRADICIONAL" - (CT)				
CT- 001	1965	Algodão = 12	12ª miniatura com abóbada de 12. [?]		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	OK
CT- 002	1965	Couro cru =	12ª com arca de metal.		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	
CT- 003	1965	Couro cru = metal	12ª miniatura (incompleta) com arca de metal.		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	
CT- 004	1965	Couro cru = metal	12ª (ou mais) feita de couro tratado, ou de metal, ou de madeira, ou de couro de animal.		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	
CT- 005	1965	Couro cru = tratado	12ª após de madeira e de couro de animal. Três peças (miniatura).		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	
CT- 006	1965	Couro cru tratado = metal	12ª de couro, incompleta (miniatura).		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	
CT- 007	1965	Couro cru tratado = metal	12ª após de madeira e de couro de animal. Três peças (miniatura).		Rio Grande do Sul, Zona de Campanha, Foz de Iguaçu	Doação Profº Osvaldo Rodrigues Cabral	-	

Fonte: Foto tirada pela autora²⁹, 2019.

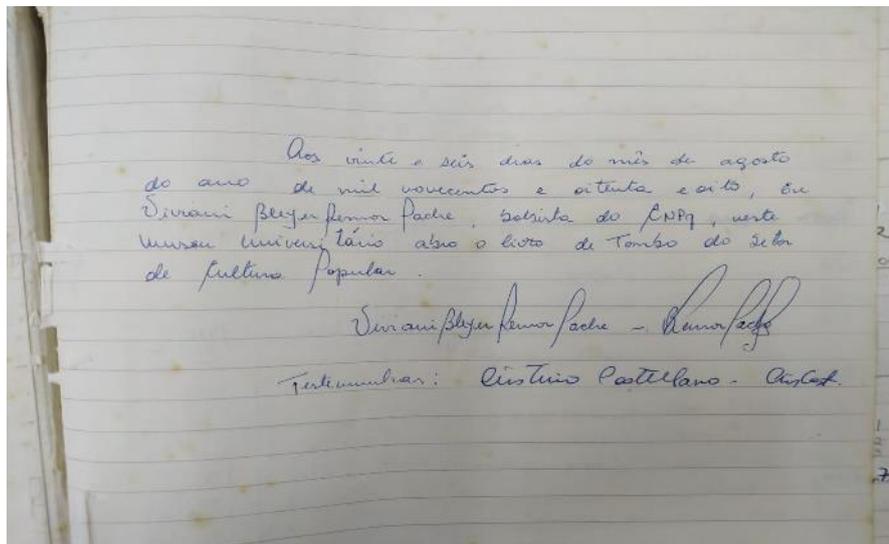
²⁹ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

É possível observar na parte superior da folha a identificação da instituição e a indicação do setor como sendo de Antropologia Cultural. O primeiro campo tem como metadado o “número ordem”, em seguida “data de entrada”, após “objeto”, nesse contendo dois subcampos: “natureza” e “descrição sumária”. Segue com o campo “incorporação”, que também possui dois subcampos: “procedência” e “aquisição”. Por fim, encerra com os metadados de “valor” e “observações”. O preenchimento inicia com a denominação “Cultura Tradicional (CT)” — hoje a Coleção de Etnologia (Cultura Popular) — como forma de dar início ao preenchimento dos metadados, referentes aos acervos dessa coleção. O primeiro objeto apresenta as seguintes informações:

- Número Ordem:
- Data de Entrada:
- Objeto:
 - Natureza:
 - Descrição sumária:
- Incorporação:
 - Procedência:
 - Aquisição:
- Valor: -
- Observação:

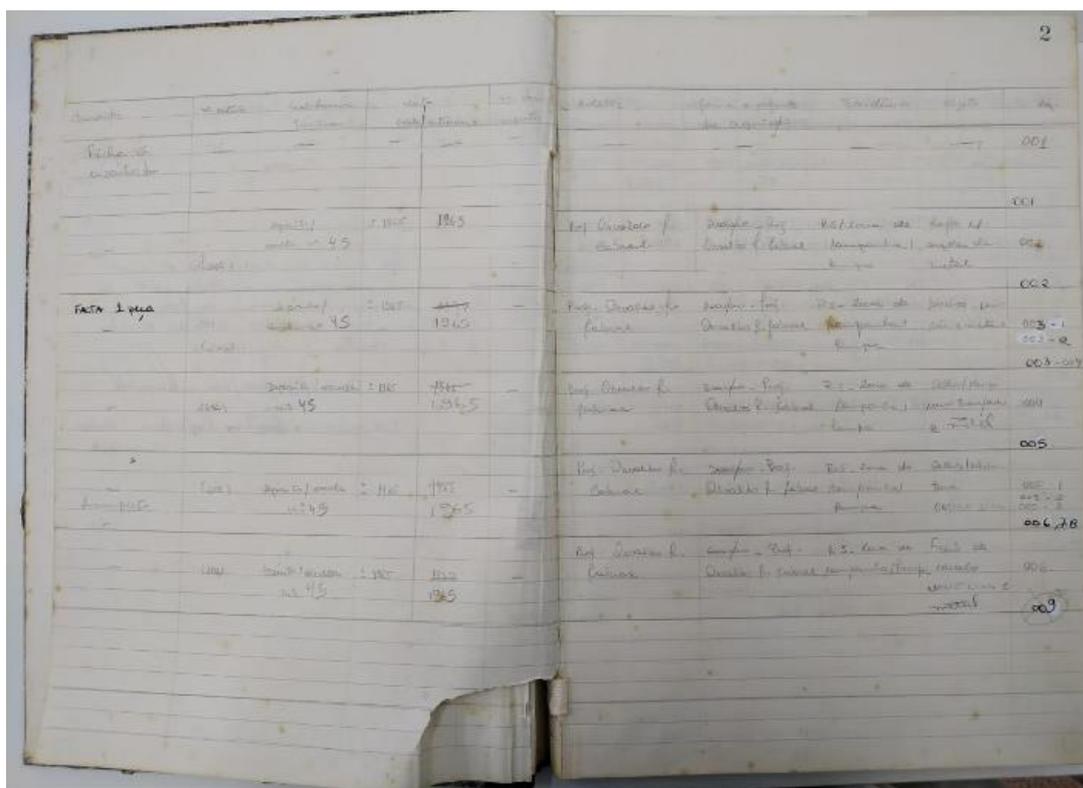
Ao total são oito metadados para preenchimento das informações coletadas e identificadas da coleção. Decorrente de novas demandas — devido ao desenvolvimento do Museu e a sua carga representativa da Coleção de Etnologia (Cultura Popular) — foi refeito um novo livro tombo em 1988 (como mostra a figura 7), com o intuito de confirmar as informações e identificar possíveis erros, foram feitas modificações com as informações do livro tombo anterior, inserindo novos números, novos acervos e identificando suas reais localizações (figura 8).

Figura 7: Anotação feita na primeira página do livro tomo de 1988.



Fonte: Foto tirada pela autora³⁰, 2019.

Figura 8: Livro tomo, 1988



Fonte: Foto tirada pela autora³¹, 2019.

³⁰ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

³¹ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

Nesse livro tombo foram adicionados 10 metadados para preenchimento das informações anteriores, mais suas novas atribuições. Seguem os metadados reelaborados e os respectivos preenchimentos:

- Observações: Ficha não encontrada
- N° anterior: -
- Local na reserva técnica: -
- Data: -
 - Coleta
 - Entrada
- N° Documento: -
- Coletor: -
- Forma e agente de aquisição: -
- Procedência: -
- Objeto: -

Reg. (registro): 001

Verifica-se que alguns metadados foram mantidos, outros modificados e novos inseridos. Visto que a Coleção de Etnologia estava em crescimento, caminhando para as vertentes Indígena, Arqueológica e Cultural, esse novo livro tombo foi readaptado para essa realidade, o que tornou possível a identificação pelos arqueólogos das coletas, como vemos nos novos metadados inseridos: forma de entrada e coletor responsável. No entanto, nota-se algumas faltas de informações ou até mesmo o paradeiro desconhecido do acervo. Mesmo sendo algo problemático, grande parte da coleção possui informações que coincidem com as informações anteriores.

Em 1995, o nome de Gelci José Coelho, aparece como museólogo responsável na averiguação das informações preenchidas das fichas de catalogação (canto superior direito da ficha – Figura 9 e 10), a ficha possui 16 metadados e a coleção tem como nomenclatura: Antropologia Cultural – Arte e Tradição Popular. Segue detalhes presentes na ficha:

Figura 9: Ficha de Catalogação CT 063

Cometa Geici José Coelho
Museu...
02-03-95

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MUSEU DE ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA CULTURAL - Arte e Tradição Popular
SETOR DE

Número CT.- 063 Número antigo 265

Natureza CERÂMICA POPULAR FIGURATIVA

Descrição Figura de "banco cozido" TARTARUGA pintada. Cores : Cinza escuro, preto, branco e vermelho .

Dimensão Altura 4 cm Conservação Bom *base no p. esquerdo frágil*

Procedência Santa Catarina Município São José

Local Ponta de Baixo Aquisição Compra Valor R\$ 0,50
Compra do Museu de Antropologia

Data de entrada 1971 Data 1972

Preenchido por _____

Fonte: Foto tirada pela autora³², 2019

Figura 10: Verso da ficha de catalogação



Fonte: Foto tirada pela autora³³, 2019.

- Número: CT.
- Número antigo:

³² Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

³³ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

- Natureza:
- Descrição:
- Dimensão:
- Conservação:
- Procedência:
- Município:
- Local:
- Aquisição:
- Data de entrada:
- Preenchido por:
- Data:

No verso:

- Croquis ou fotografia:
- Observação:
- Localização no Museu de Antropologia:

Aqui podemos perceber um direcionamento à tipologia da coleção, com metadados que abrangem mais o acervo de cultura popular e sua diversidade. Além do seu estado de conservação e a possibilidade de visualizar o objeto sem precisar acessá-lo fisicamente na Reserva Técnica.

É importante ressaltar que devido ao estado físico de algumas fichas, não é possível verificar as informações por completo. A ficha de acervo número “1” (entre outras) não foi encontrada, por isso será usado um acervo de outra numeração para ilustrar o estado de conservação das fichas (figura 11 e 12), na qual podemos perceber que houve uma degradação, possivelmente causada por traças – já contidas.

Figura 11: Ficha de catalogação CT 013 com perda informacional.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MUSEU DE ANTROPOLOGIA
SETOR DE ANTROPOLOGIA CULTURAL - Etnia e Tradições Populares

Conta

Celso José Coelho
Museólogo

02/03/95

Número CT 013

Número antigo

Natureza MADEIRA, PELTRO, LATA, PREÇO, TAQUERA, PIERA, TINTA e RÁPIA. COURO. CRINA.

Descrição CARRO DE BOIS. Miniatura com dois bois.

013 - 01 carro
013 - 02 boi
013 - 03 boi

Dimensão

Conservação ÓTIMO

Procedência SANTA CATARINA

Município FLORIANÓPOLIS (ILHA DE S.C.)

Local MORRO DAS PEDRAS

Aquisição COMPRA R\$ 5.000,00

MANOEL MACHADO

Fonte: Foto tirada pela autora³⁴, 2019.

Figura 12: Verso, ficha de catalogação CT 013 com perda informacional

Falta foto - foto -
Falta - charveta para do cabeçalho
do carro de bois..

Reservação

Realização no Museu de Antropologia

Fonte: Foto tirada pela autora³⁵, 2019.

³⁴ Registro fotográfico feito, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

³⁵ Registros fotográficos feitos, pela autora, para o banco de dados do acervo do MARquE (2019).

- Em 2016, como forma de salvaguardar e, conseqüentemente, auxiliar na gestão da coleção, foi feito um arrolamento pelo programa Word, facilitando o acesso – digital e físico (impresso). As fichas possuem metadados, que por serem digitais possibilitam uma explanação mais completa da coleção, além de favorecer ferramentas de pesquisa para encontrar o objeto ou objetos relacionados, seja em tipologia, data ou até o local dentro da reserva. Nesse período iniciou-se o registro fotográfico da Coleção de Etnologia (Cultura Popular) para ser inserido neste arrolamento.

No ano de 2019, aconteceu o primeiro contato direto com a coleção, foram checados cada objeto, coletando informações e, inclusive, encontrando objetos que não estavam localizados. Foram meses de trabalho com o objetivo de deixar tudo catalogado e organizado para desenvolver uma nova ficha de catalogação para a coleção.

Sendo assim, em um primeiro momento do trabalho, foi realizada a checagem de objetos a partir da lista do acervo “de arte popular” disponibilizada pelo Setor de Museologia. Tal verificação iniciou-se pela escada de saída de emergência, local no qual, vários objetos estavam localizados e sem revisão há tempos, com essa análise inicial foi possível retirar do local os que constavam na lista e que possuíam a numeração referente à coleção. Após a retirada, foi necessário encaminhá-los para o Laboratório de Conservação, onde foram higienizados e acondicionados de forma provisória em uma prateleira do lado de fora da Reserva.

Ao fim da checagem, a equipe responsável identificou que diversos objetos no local não possuíam numeração e referência de contexto, dessa forma, as peças que não foram identificadas como pertencentes a uma coleção do MARquE foram deixadas no local para uma discussão futura sobre os procedimentos que deveriam ser tomados. É importante ressaltar que quanto à natureza, os objetos encontrados nesse local eram em sua maioria de cerâmica, cestarias e madeira, além de outros poucos de outros materiais.

O próximo passo foi elaborar uma nova lista com transcrição de todos os números existentes na lista original. A lista criada possui os seguintes metadados:

número, objeto encontrado, localização, observações e posteriormente foi acrescentado o campo Livro. Ressalta-se que nessa lista foram atualizados os dados dos objetos numerados e encontrados na saída de emergência, bem como também foi criada uma lista “numerações não existentes na lista do acervo de arte popular”, contendo objetos encontrados com a numeração da coleção, porém com numeração que não constava na lista original.

Após algumas checagens e atualização final de todas as listas, foi realizada uma vistoria final embaixo da escada da saída de emergência e na Reserva para sanar as dúvidas surgidas durante a transcrição dos dados obtidos nas checagens. Em seguida, foi necessário achar os livros de registro e fichas referentes ao acervo de Arte Popular, esta ação foi importante para verificar em quais deles cada objeto foi citado. Foram achadas as fichas e dois livros de registro no arquivo da Reserva, e posteriormente dois livros no Laboratório de Conservação. Cada livro (para facilitar na transcrição para lista) recebeu uma numeração e nomenclatura, sendo elas: Fichas (1), Livro de acervo - livro grande (2), Livro ata de 100 páginas (3), Livro ata de 200 páginas (4) e Livro com capa de papel marmorizado (5). Como nenhum livro possui em seu exterior nada que indique sua finalidade, o visual foi usado para criar a nomenclatura para se referir a cada um.

Com a etapa anterior finalizada, iniciamos o relatório de análise da lista para encontrar números repetidos. Ao checar o livro 2 (Livro preto mais antigo), constatou-se o registro de 318 peças das quais apenas 170 foram encontradas. A primeira checagem na lista foi dos números CTs repetidos, que somaram ao todo 38. Em um segundo momento, a checagem realizada foi a dos números sem CT, que totalizaram 46. Em relação aos números que foram pulados, estes foram aproximadamente 186. Algumas outras informações pertinentes são elencadas abaixo:

- N° de peças que foram encontradas com CT que estão fora da lista: 32 peças. A lista original, embora tenha número pulados, vai até o n° CT 878;
- N° de peças que foram encontradas com CT que estão na lista: 507 peças. Tal número é sem considerar os conjuntos com desdobramentos de letras e números. EX: CT 005-01 ou CT323a;
- N° de peças que foram encontradas sem o CT que estão na lista: 10.

Outro momento importante, foi que, após a conclusão do relatório foram encontradas, na sala da Coordenação de Museologia, 33 fichas de “catalogação” referentes ao acervo de cerâmica, que foram nomeadas pela equipe na lista de checagem das peças como “livro 6”. Sendo assim, foi realizada a atualização da lista com os dados pertinentes relacionados com as fichas encontradas.

Posteriormente aos fatos citados nos parágrafos anteriores, iniciou-se, por parte da autora, o processo de reorganização da coleção — entrando na parte documental —, com a criação de uma ficha teste a partir da disponível no banco de dados. O objetivo foi verificar quais metadados poderiam ser acrescentados ou excluídos. Essa ficha mostrou a importância de coincidir todos os dados dos livros e fichas existentes referentes ao objeto no momento de preenchimento. Também se apresentou a necessidade de uma pesquisa futura nos objetos com relação aos metadados como artista e dados históricos.

Ademais, verificou-se, por parte da autora, a necessidade da criação de um manual de preenchimento e um glossário para evitar problemas futuros quanto ao preenchimento dos metadados e descrições, para não gerar dados ambíguos ou peças de formas semelhantes com descrições e nomes diferentes — como apareceu na coleção, na qual um mesmo formato de panela de cerâmica aparece com as descrições de panela, panela com alça, panela com cabo, caçarola ou ainda caldeirão.

A próxima etapa do processo realizada no MARquE foi dedicada à numeração dos objetos e criação de uma tabela para anotação com os metadados:

- N^o (referente ao número novo);
- Desdobramento;
- N^o anterior (referente ao número com CT);
- Localização;
- Largura/ Diâmetro;
- Altura/ Comprimento;
- Profundidade/ Espessura.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que os objetos passaram a ganhar a placa com o novo número, também foram tiradas as medidas deles. Nesse momento

definiu-se a lógica de numeração referente aos conjuntos e objetos com desdobramentos na própria peça.

Por fim, com tudo organizado e catalogado, foi possível focar no objetivo principal: a criação de uma nova ficha de catalogação, pensando que “documentar cada peça, de forma, complexa, exige um sistema apropriado, baseado em estruturas técnicas gerais e especializadas e na adoção de algumas convenções” (Cândido, 2006, p.37), sendo assim, a ficha foi pensada pela autora como uma ficha personalizada para essa coleção diante de suas complexas características, pois,

cabe ao profissional de museu acionar e gerenciar o sistema, armazenando as informações individuais sobre os objetos, ampliando os conteúdos documentais existentes (textuais e iconográficos) e disponibilizando a base de dados para consultas internas e externas. O profissional do museu é o elo intermediário entre a coletividade e os bens culturais, o agente capaz de explorar as potencialidades e estabelecer as necessidades do acervo. Portanto, deve ter o domínio sobre as questões relativas à informação, sejam estas de forma manual ou automatizada, garantindo seu rápido e fácil acesso por parte do usuário (pesquisadores e público em geral) (Cândido, 2006, p.35)

O intuito é proporcionar acessibilidade, fluidez e segurança informacional através da inclusão do Tainacan³⁶, um *software* onde pode ser criado um repositório para gestão de acervos digitais. No entanto, para isto ser possível, era necessário a criação da ficha de catalogação personalizada para a Coleção de Etnologia (Cultura Popular), por ser uma coleção de diversas tipologias materiais e com várias ramificações dentro da história e memória da cultura açoriana. Sendo assim, foi necessário criar³⁷ uma ficha que comporte o máximo de informações de forma padronizada, com um vocabulário controlado, de forma a evitar novas perdas informacionais, de facilitar a recuperação das informações e fortalecer a gestão da coleção.

Dessa forma, foi possível averiguar durante as atividades realizadas na instituição, como o registro da ficha de catalogação afeta diretamente a preservação da coleção. Haja vista que o registro de um objeto tem a finalidade de:

(...) Atribuir-lhe uma identificação no Museu para que possa ser contabilizado por parte do Acervo e tenha a sua vida na instituição documentada: entrada e saída da Reserva Técnica, a participação em exposições e catálogos, empréstimos, alterações no estado de conservação, restauro, fotografias. Todas as ações nas quais o objeto

³⁶ Pode ser acessado em [Tainacan – Uma plataforma de repositórios flexível e poderosa para WordPress](#)

³⁷ A autora usou como base de auxílio o projeto Simba, vocabulário controlado criado pelo Museu Nacional de Belas Artes.

venha a participar e/ou que forem realizadas sobre este, a documentação tem o dever de registrar (MUSEU AFRO BRASIL, 2015, n.p.).

Nesse sentido, uma correta documentação museológica significa uma correta gestão dos acervos, porque estas ações permitirão não somente um maior controle dos objetos, mas também a possibilidade de geração e difusão de conhecimento a partir deles. Não há possibilidade de desenvolver trabalhos em museus que a documentação do acervo e sua pesquisa estejam desatualizadas,

(...) Pois delas emanam as linhas programáticas de exposições, ação educativa, publicações, intercâmbios, dentre outras possíveis frentes de atuação do museu. São elas também que podem assegurar o estabelecimento de uma política de acervo que determinará o que ingressar nos referidos acervos e quais critérios serão seguidos em caso de descarte (Fabbri; Machado, 2010, p. 27).

No contato direto com o acervo, ou seja, o trabalho que realizamos ao retirar os objetos que estavam embaixo de uma escada, foi possível verificar que as divergências informacionais afetaram negativamente a documentação museológica dos itens. Principalmente levando em consideração que diversos objetos da Coleção de Etnologia (Cultura Popular) não estavam dentro da Reserva Técnica, porque foram confundidos com outros objetos. Sendo assim, durante os anos que ficaram depositados, não receberam os cuidados necessários para que fossem conservados.

Posto isso, as próximas páginas serão dedicadas a apresentar a nova ficha de catalogação desenvolvida no período de 2019. Nas Figuras 13 a 17 é possível verificar exemplos de como a nova Ficha de Catalogação está organizada. A separação em diversas figuras foi necessária para uma melhor visualização. Sendo assim, a primeira (Figura 13) parte voltada para a identificação do objeto.

Figura 13: Ficha de Catalogação (identificação do objeto)

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA OSWALDO RODRIGUES CABRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Campus Universitário - Trindade CEP 88040-970 Florianópolis/SC - Brasil COLEÇÃO CULTURA POPULAR (Ficha Teste)			
IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO			
Imagens			
Nº de inventário	0001		
Outros números	CT082 / 284		
Numeração anterior	CT082		
Nome da peça/ Objeto	Boi		
Nomenclatura usual (o nome será resolvido posteriormente)			
Título	Sem referência		
Título Atribuído	Bozinho		
Tema (o nome será resolvido posteriormente)			
Partes e componentes	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Descrição das partes e componentes			
Conjunto	Coleção de animais		
Nº de objetos do conjunto	4		
Descrição do conjunto (conceitual)			
Objetos relacionados	—		
Região	Ponta de Baixo		
Cidade	São José		
Estado	Santa Catarina		
Pais	Brasil	DIMENSÕES DA OBRA (cm/ kg)	
Autor	Ademar Melo	Altura	13cm
Assinatura	—	Largura/ Diâmetro	7cm
Localização da Assinatura	—	Profundidade/ Espessura	13cm
Material	Barro cozido	Peso	
Técnica	Cerâmica policromada	Formato	Irregular
Marcas / Incrições			
Texto da marca/ inscrição			
Tipo de marca/ inscrição			
Descrição da marca/ inscrição			
Posição da marca/ inscrição			
Idioma da marca/ inscrição			
Tradução da marca/ inscrição			

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14: Ficha de Catalogação (identificação do bloco)

? - Nome do bloco			
Categoria	Miniatura	Sub-categoria	Animais
Descrição formal	Figura de barro cozido (boi), pintado nas cores: cinza, amarelo, vermelho e preto.		
Palavras-chave			
ANÁLISE DO OBJETO			
Estado de conservação	<input type="checkbox"/> Bom	Descrição física: Se encontra quebrado sem uma das pernas traseiras.	
	<input type="checkbox"/> Regular		
	<input type="checkbox"/> Ruim		
	<input type="checkbox"/> Péssimo		
Ficha de conservação e restauração	Metadado privado, com o número e link da ficha.		
Diagnóstico			
Intervenções anteriores de conservação e restauração	<input type="checkbox"/> Sim	Intervenções:	
	<input type="checkbox"/> Não		
Proposta de tratamento:	<input type="checkbox"/> Conservação preventiva	Procedimento:	
	<input type="checkbox"/> Conservação curativa		
	<input type="checkbox"/> Restauração		

Fonte: Elaborado pela autora e equipe do MARquE.

Figura 15: Ficha de Catalogação (Procedência)

PROCEDÊNCIA			
Nº do processo de aquisição	—	Forma de aquisição	Doação
Data de aquisição	1964	Doador/ Vendedor	Oswaldo Rodrigues Cabral
Valor da compra	—	Valor do seguro/ Seguradora	—
Ex-proprietário	—	Pesquisador/ Coletor	Oswaldo Rodrigues Cabral

Fonte: elaborado pela autora e equipe do MARquE.

Figura 16: Ficha de Catalogação (Localização de guarda)

LOCALIZAÇÃO DE GUARDA			
Localização usual:	CN1	Localização da Imagem: pendrive	
Localização atual:	<input type="checkbox"/> Reserva Técnica 1 <input type="checkbox"/> Reserva Técnica 2 <input type="checkbox"/> Reserva Técnica 3	Fotografia: 0001b.jpg	
Mobiliário:	<input type="checkbox"/> Armário A <input type="checkbox"/> Armário B <input type="checkbox"/> Armário C		
	<input type="checkbox"/> Mapoteca A	Gaveta: ____	Pasta: ____
Módulo:	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/> H <input type="checkbox"/> I <input type="checkbox"/> J <input type="checkbox"/> K <input type="checkbox"/> L <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> N	Prateleira: ____	
		Histórico da peça:	

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 17: Ficha de Catalogação (Arquivo suplementar, notas e dados de preenchimento)

ARQUIVO SUPLEMENTAR	
Físico	—
Digital	Pendrive e computador

NOTAS	
Exposições/ Prêmios	—
Referências bibliográficas da peça/ obra	—
Dados históricos	—
Observações	—
Texto para etiqueta	—
Título para etiqueta	—

DADOS DE PREENCHIMENTO	
Data de preenchimento:	
Nome do responsável:	
Data de revisão:	
Nome do responsável:	
Autoridade responsável:	

Fonte: elaborado pela autora.

Como é possível verificar, a ficha de catalogação, criada possui diversos metadados e todos eles foram pensados para guardar o máximo de informação possível, de forma organizada e que pudesse garantir, no futuro, a preservação dos objetos, principalmente quanto à origem, composição e lugar de armazenamento. Tendo em mente a importância de a ficha ser sempre preenchida de forma correta, a equipe elaborou uma descrição extensa e detalhada, orientando como as informações devem ser inseridas nesta nova ficha. Contando com mais de 10 páginas, o manual extremamente relevante, na medida em que ele pode evitar que erros sejam cometidos no preenchimento e que acarretem informações desencontradas no futuro.

Como anteriormente exposto, os meses de trabalho na instituição tiveram a finalidade de catalogar e organizar todos os objetos encontrados para desenvolver uma nova ficha de catalogação para a Coleção Cultura Popular. A ausência de padronização, bem como a falta de registros de entrada (dos anos iniciais do MARquE) afetou a conservação da coleção. Por isso, a nova ficha de catalogação criada desempenha um papel importante, principalmente porque foi criada de forma personalizada para a Coleção Cultura Popular. Nesse sentido, os metadados descritivos destas fichas devem atender à diversidade que compõe essa imensa coleção, com metadados que possibilitam a inserção das particularidades de cada tipologia. Por fim, também foi possível verificar que uma correta gestão de acervos está diretamente ligada com uma documentação museológica bem elaborada e preenchida, haja vista, que esta possibilita um maior controle dos objetivos, bem como produção e difusão de conhecimento a partir desses objetos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso foi refletir sobre a influência da gestão de acervos, na documentação museológica e criação das fichas de catalogação. Para esse fim, foram utilizados três objetivos específicos: a) Identificar critérios, pelo viés da Documentação Museológica, para contribuir na adequação das fichas de catalogação para a Coleção de Etnologia (Cultura Popular) do MARquE; b) Compreender o papel da gestão de acervos e sua importância fundamental na construção de uma ficha de catalogação, de forma que comporte a singularidade dessa coleção e; c) Analisar as informações extraídas da Coleção de Etnologia (Cultura Popular), por meio do diagnóstico documental realizado pela equipe do MARquE, proporcionando a coleta de mais informações, de modo a auxiliar na elaboração de uma sugestão de ficha para ser inserida no sistema Tainacan.

A metodologia de natureza exploratória e descritiva foram importantes ferramentas para a composição do trabalho. A pesquisa em fontes primárias (como as fichas de catalogação do Museu, bem como os livros tombos) foram essenciais para o estudo de caso. Da mesma forma, a revisão bibliográfica em fontes secundárias, como textos, livros, artigos, monografias, dissertações e teses foram fundamentais para construir o embasamento teórico sob o qual a presente pesquisa foi construída. Os diferentes autores e autoras foram utilizados para basear os argumentos utilizados no decorrer deste trabalho de conclusão e, para além disso, foram essenciais na construção da linha de raciocínio seguida pela autora deste texto.

Dessa forma, a primeira parte da pesquisa buscou abordar a origem do MARquE-UFSC, procurando apresentar a história dessa instituição. Foi demonstrado que o Museu Universitário teve sua origem a partir do Instituto de Antropologia, em 1965. Nesse sentido, a figura do professor Oswaldo Rodrigues Cabral é fundamental para a compreensão dos primeiros anos da instituição, haja vista que esta foi implementada pelo professor, que estabeleceu como principal objetivo para a instituição — de caráter científico — atividades voltadas para pesquisas na área da Antropologia.

Na contemporaneidade, como é demonstrado no seu mais recente Plano Museológico, o MARquE é um órgão suplementar da Universidade Federal de Santa

Catarina diretamente vinculado ao Reitor, e que mantém vínculos históricos com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em especial com os departamentos de História e Antropologia, aos quais se encontra academicamente articulado. Em relação ao seu papel enquanto museu universitário, entende-se o forte compromisso com a valorização e preservação do acervo que possui, sem nunca ignorar o “fazer pesquisa”, bem como produzir a documentação museológica, exibir suas coleções e potencializar a circulação social do conhecimento para fins de ensino, pesquisa e extensão em Antropologia Cultural (com destaque para a Etnologia Indígena e outras culturas tradicionais), Arqueologia e Museologia.

Na seção seguinte, buscou-se compreender a coleção denominada Cultura Popular. Para tal, apresentou uma pequena conceitualização do termo “coleção” nos estudos da Museologia, entendendo que ele se diferencia de conjuntos de diferentes objetos, na medida em que para se constituir uma coleção, é necessário que seja um conjunto coerente entre si e significativo. Nesse sentido, partindo do entendimento que nas instituições museológicas, as coleções que contemplam a questão cultural recebem o nome de “Cultura Popular”, foram expostos objetos que compõem a coleção de Cultura Popular do MARquE-UFSC, como obras de autoria de Franklin Cascaes, reunidas sob a denominação “Coleção Elizabeth Pavan Cascaes”, bem como, itens mais antigos advindos da Coleção de Oswaldo Rodrigues Cabral.

O tópico “Metamorfose: objetos que transformam, transmutam” foi utilizado para abordar a relação do ser humano com os objetos e a criação de significados destes. Além disso, buscou-se demonstrar como estes significados podem ser ampliados quando inseridos em instituições de memória, passam pelo processo de musealização, e ganham seu espaço para despertar emoções. Aliás, o capítulo buscou demonstrar a importância que a documentação museológica ocupa dentro da gestão de um museu. O argumento principal foi que um bom gerenciamento e documentação dentro do museu favorece a disseminação de conhecimento através de programas e ações, desenvolvidas de acordo com a missão do museu.

Por fim, a última seção apresentou o estudo de caso, relatando as experiências da autora em relação ao contato direto com a coleção. Utilizando os relatórios anuais do Museu, a próxima seção buscou compreender a gestão da Coleção de Etnologia (Cultura Popular), apresentando as ações de restauração, higienização e

organização realizadas ao longo dos últimos anos. Ademais, apresentou pesquisa realizada nos livros tombos do Museu para entender a formação da Coleção de Cultura Popular e identificou algumas faltas de informações ou até mesmo o desconhecimento do paradeiro de objetos pertencentes à coleção.

Para além da investigação realizada nos livros tombos, também foram verificadas as fichas de catalogação com o intuito de desenvolver uma nova ficha de catalogação para a coleção que comporte o máximo de informações de forma padronizada e com um vocabulário padrão, bem como de usar ferramentas tecnológicas como o software Tainacan. Após a apresentação da nova ficha de catalogação criada, o trabalho finaliza com o argumento de que a documentação museológica, principalmente no que diz respeito às fichas catalográficas, precisa ser trabalhada com imenso cuidado e seriedade, tendo em vista que afetam diretamente a preservação das coleções do Museu. No caso do MARquE, a ausência de registros nos seus anos iniciais reflete de forma contundente na atualidade, principalmente em relação às dificuldades identificadas durante as atividades realizadas no Museu para encontrar e catalogar determinados itens.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina: **Museus etnográficos e práticas de colecionamento: Antropofagia dos sentidos**. 2005. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/museus_etnograficos1.pdf. Acesso em: 16.ago.2022.
- ANTUNES, Arnaldo. **As Coisas**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.
- BASTOS, Caroline Liebl de. **DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA NA PRÁTICA: um estudo de caso na coleção de cultura popular do museu de arqueologia e etnologia da UFSC**. 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201593>. Acesso em: 14.jul.2022.
- BAUDRILLARD, Jean. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 100.
- BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. p.194.
- BLOISE, A.S. **O Desafio da Gestão dos Pequenos Museus**. In Museus: o que são, para que servem? Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, São Paulo, 2011. p.43-48.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BRASIL. **Decreto Lei N°. 11.904.14 de janeiro de 2009**. Casa Civil/Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 20.jun.2022.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios**. In: Marcus Granato e Marcio R. Rangel. (Org.). Cultural Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009, v. 1, p. 14-25. Disponível em: http://www.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.pdf. Acesso em: 1.jul.2022.
- CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu: aquisição-documentação**. Rio de Janeiro, Livraria Eça, 1986.
- CÂNDIDO, M. I. **Documentação Museológica**. In: Cadernos de Diretrizes Museológicas nº1. Secretaria do Estado de Minas Gerais. Superintendência de Museus, 2006. Disponível em: http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo.pdf. Acesso em: 18.jun.2022.

CIDOC. **Declaração de princípios de documentação em museus e diretrizes internacionais de informação sobre objetos de museus**. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Disponível em: <https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>. Acesso em: 21.abr.2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2014, p. 32.

FABBRI, Angelica; MACHADO, Cecília. Informatização dos acervos dos museus como ferramenta de acesso. In: PORTINARI, Governo do Estado de São Paulo Acam. **Documentação e conservação De acervos museológicos: Diretrizes**. São Paulo: Laser Press Gráfica e Editora Ltda., 2010. p. 26-29. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

FERREZ, Helena Dodd.; PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. **Manual de Catalogação**: pintura, escultura, desenho, gravura. Museu Nacional de Belas Artes, 1995.

FURQUIM, Bárbara Bueno. **Cultura Popular Ou Etnologia? Diferenças Conceituais De Nomenclatura Do Mae-UFPR**. Curitiba. Biblioteca Digital de Eventos Científicos da Ufpr, 2017. Disponível em: <https://www.eventos.ufpr.br/semanarq/semanarq2017/paper/view/1071>. Acesso em: 28 ago. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. — 3. ed. — São Paulo: Atlas, 1991.

GUERRA, Rogério F. **Oswaldo Rodrigues Cabral**: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. Revista de Ciência Humanas, v. 42, n. 1, p. 9-60, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2008v42n1-2p9>. Acesso em: 10.maio.2022.

GUIMARÃES, V. W. **Exposições museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina: espaço para construções de parcerias**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-27012015-101531/pt-br.php>. Acesso em: 12.abr.2022.

HERRICK, Robert. "To the Virgin To Make Much Time". In: GARDNER, Helen (Org.), **The New Oxford Book of English Verse**. Oxford: 1972, p. 243.

IBRAM-Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Museus** – Relatório de gestão 2003 – 2010. Ministério da Cultura,– Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

LADKIN, Nicola. Gestão do acervo. In: BOYLAN. Patrick (Org.). Como gerir um museu: manual prático. Paris: ICOM, 2004. p. 18.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996, p. 4-17.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: **LE GOFF**, Jacques História e Memória. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LOUREIRO, Maria Lucia N. M. “Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema”. (apresentado no 3.º Seminário Iberoamericano de Museologia, Madrid, Espanha). Disponível em: [57448_16.pdf \(uam.es\)](#). Acesso em: 15 abr. 2023.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Cervilha. Manual de metodologia da pesquisa no direito. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MUSEU AFRO BRASIL. **Para preservar é necessário documentar: conheça o trabalho da Documentação**. 2015. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/noticias/detalhe-noticia/2015/12/22/para-preservar-%C3%A9-necess%C3%A1rio-documentar-conhe%C3%A7a-o-trabalho-da-documenta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 set. 2022.

MUSEU UNIVERSITÁRIO. **UFSC: 30 Anos**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 1996. MARQUE. **Plano Museológico Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral**. 2016. ed. Florianópolis: Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, 2016. Disponível em: <https://museu.ufsc.br/files/2016/03/Plano-Museol%C3%B3gico-do-MARquE.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

SMIT, J. W. **Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa?** Revista brasileira de biblioteconomia e documentação, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001235157>. Acesso em: 3.jun.2022.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Coleção Estudos Museológicos; v. 2. Florianópolis: FCC, 2014.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 15-35.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. **O problema das reservas técnicas: como enfrentar o apego devorador?** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, nº. 31, 2005, p. 76-77. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf. Acesso em: 13.maio.2022.